

AS TENTATIVAS DE FERNAND DELIGNY: UM ESTUDO TEÓRICO SOBRE A REDE COM CRIANÇAS AUTISTAS

*THE ATTEMPTS OF FERNAND DELIGNY:
A THEORETICAL STUDY ON THE NETWORK WITH AUTISTIC CHILDREN*

*LOS INTENTOS DE FERNAND DELIGNY:
UM ESTUDIO TEÓRICO SOBRE LA RED COM NIÑOS AUTISTAS*

Pedro Henrique Silva Ferreira¹

Andrea Soares Wuol²

Código DOI

Resumo

Na França, antes da introdução da noção de deficiência nas políticas públicas, a categoria “infância inadaptada” designava crianças e adolescentes considerados anormais ou desviantes. Fernand Deligny, educador francês do século XX, participou da constituição de tecnologias médico-jurídico-sociais voltadas para esses sujeitos, integradas às políticas educacionais entre as décadas de 1940 e 1960. Questionando a centralidade da linguagem verbal na definição do humano, Deligny buscou criar condições para o desenvolvimento criativo de inadaptados por meio de experimentações que chamou de tentativas. Interessado em sua experiência com crianças autistas e na escrita errática de seus textos, este estudo propõe uma compreensão teórica das noções de tentativa e rede em Deligny, explorando suas implicações no plano conceitual.

Palavras-chave: Fernand Deligny. Autistas. Inclusão. Diferenças.

Abstract

In France, before the concept of disability entered public policy, the category of "maladjusted childhood" was used to refer to children and adolescents considered abnormal or deviant. Fernand Deligny, a 20th-century French educator, contributed to the formation of medico-legal-social technologies aimed at these individuals, integrated into educational policies between the 1940s and 1960s. Challenging the centrality of verbal language in defining the human, Deligny sought to create conditions for the creative development of these subjects through what he called "attempts." Focused on his work with autistic children and the erratic nature of his writing, this study aims to produce a theoretical understanding of Deligny's notions of attempt and network, exploring their conceptual implications.

Keywords: Fernand Deligny. Autistic individuals. Inclusion. Differences.

¹ Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, Brasil. Email: phsferreira@furb.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3230-4661>

² Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, Brasil. Email: awuo@furb.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2110-7184>

Resumen

En Francia, antes de que la noción de discapacidad ingresara en las políticas públicas, se utilizaba la categoría de “infancia inadaptada” para referirse a niños y adolescentes considerados anormales o desviados. Fernand Deligny, educador francés del siglo XX, participó en la formación de tecnologías médico-jurídico-sociales dirigidas a estos sujetos, integradas en las políticas educativas entre los años cuarenta y sesenta. Cuestionando la centralidad del lenguaje verbal en la definición de lo humano, Deligny buscó crear condiciones para el desarrollo creativo de los inadaptados mediante experimentaciones que denominó tentativas. Interesado en su experiencia con niños autistas y en el carácter errático de su escritura, este estudio propone una comprensión teórica de las nociones de tentativa y red en Deligny, explorando sus implicaciones conceptuales.

Palabras clave: Fernand Deligny. Autistic. Inclusión. Diferencias.

Introdução

Nos últimos dez anos, o nome de Fernand Deligny vem readquirindo notoriedade, principalmente entre leitores de Deleuze e Guattari (Ferreira, 2023). Parte considerável do reavivamento da sua obra é resultado do trabalho da editora francesa *L'Arachnéen*, que se empenhou na organização dos arquivos do autor, na republicação de seus textos e no lançamento de materiais inéditos (Sévérac, 2023). Outro elemento que contribuiu para o seu reaparecimento são as diversas interlocuções que Deligny manteve com figuras como Althusser, Dolto, Wallon, Guattari e Truffaut, além de diálogos com disciplinas como a antropologia, a etologia, a psiquiatria, a filosofia, o cinema, a arte e a educação (Miguel, 2019).

Inserido nos aparatos do Estado francês que eram responsáveis pela educação, saúde e segurança da infância e adolescência, Deligny (1913-1996) foi um participante de um movimento crítico das instituições emergentes do século XX. Como profissional que iniciou a sua atuação na década de 1930, ele integra os grupos de trabalhadores atuantes nos setores da saúde mental e educação que assumem posturas críticas em relação aos aparelhos estatais e seus usos em função do modo de produção capitalista. Listando alguns dos nomes que podem ser colocados ao seu lado nesse momento histórico, podemos citar Jean Oury, Félix Guattari e Tosquelles, Ronald Laing, David Cooper, Franco Basaglia e Roger Gentis, Maud Mannoni e Françoise Dolto.

É inegável que o trabalho de Deligny somente adquiriu profundidade conceitual após a década de 1970 e que, desde o final da década de 1950, intelectuais como Frantz Fanon na psiquiatria, Erving Goffman na antropologia, Michel Foucault na filosofia e Robert Castel na sociologia já contribuíam para o

aprofundamento da crítica e da mobilização pela *luta antimanicomial*. Entretanto, a rejeição organizada ao modelo psiquiátrico vigente foi iniciada e conduzida por técnicos e internos que vivenciavam as instituições psiquiátricas e seus aparelhos auxiliares. Já em 1944, por exemplo, Deligny publicou o livro *Pavillon 3* (ou *Pavilhão 3*), sua primeira obra de grande circulação e um dos poucos documentos que abordam as experiências de internação asilar na França dos anos 1930 (Alvarez de Toledo, 2017). Escrito durante a Segunda Guerra Mundial, o texto reconstrói as histórias de crianças e adolescentes até o momento de sua internação no hospital psiquiátrico de Armentières, onde Deligny trabalhou. Outra particularidade de *Pavillon 3* é que as narrativas são contadas a partir das perspectivas das crianças e adolescentes em vias de internação, e não pelo ponto de vista dos especialistas responsáveis por seus casos.

Apesar de sua reconhecida criatividade e de seu renome entre as décadas de 1940 e 1960, em meados dos anos 1970, a popularidade de Deligny estava em declínio. Deliberadamente, em consonância com a progressiva radicalização de sua crítica institucional, ele se empenhou em ampliar seu afastamento das instituições francesas com as quais havia mantido contato. Pessoalmente, filosófica e geograficamente, durante os últimos trinta anos de sua vida, dedicados à rede de acolhimento de crianças e adolescentes autistas, o educador também se manteve propositalmente distante das inovações psicoterapêuticas, educacionais e psicanalíticas que emergiam em sua época. Embora nunca tenha deixado de dialogar com expoentes desses campos ou de ser requisitado para congressos e entrevistas, Deligny optou por evitar ao máximo qualquer tipo de distanciamento da rede. Consequentemente, após sua morte em 1996, seu isolamento contribuiu para que suas produções caíssem no esquecimento. No entanto, atualmente, seu trabalho tem sido revisitado e colocado em diálogo com as mais variadas disciplinas em diferentes partes do mundo (Miguel, 2019; Sévérac, 2023; Ferreira, 2024).

A vida de Deligny é marcada por experimentações (ou *tentativas*) ao lado de indivíduos que, na época, eram nomeados como *inadaptados*. Atualmente, devido à sua versatilidade em operar em diferentes níveis de complexidade e dialogar com diversas áreas do conhecimento, o pensamento deligniano costuma ser associado ao que Miguel (2019), inspirado pelo trabalho de Viveiros de Castro (2018), chama de *perspectivismo*. O que caracteriza a abordagem *perspectivista* de Deligny é uma inversão de perspectiva que, ao considerar o sujeito normal como um representante histórico da ordem

estabelecida, busca produzir alternativas às estruturas sociais predominantes a partir das singularidades que compõem a posição dos indivíduos marginais, anormais, inadaptados e autistas³.

Em um artigo intitulado *Tracing the influence of Fernand Deligny on Autism Studies*, o pesquisador britânico Damian Milton (2016) reconhece Deligny e seus colaboradores como precursores do *movimento da neurodiversidade*⁴. Para Milton (2016), a rejeição às noções do autismo como um desvio patológico da norma e a não intervenção sobre os padrões comportamentais de crianças e adolescentes autistas são elementos considerados suficientes para identificar Deligny como alguém que antecipou as ideias centrais do movimento da neurodiversidade. Contudo, afirmações como essas não circulam sem críticas. Para Winter (2021), ainda que interessante, a tese de Milton (2016) simplifica a complexa relação do educador com a psicanálise e projeta questões contemporâneas sobre o trabalho de Deligny. Além disso, a crítica de Winter (2021) se estende ao enfoque excessivo que Milton (2016) estabelece sobre a conduta *anti-intervencionista* de Deligny, destacando que ele não era contrário a qualquer intervenção, mas sim determinados procedimentos empregados com o objetivo de *normalizar* ou *curar* autistas. Por fim, Winter (2021) também questiona a aplicabilidade das ideias de Deligny, desenvolvidas com crianças autistas de alto nível de suporte e não falantes, ao movimento da neurodiversidade, que é conduzido principalmente por autistas que demanda pouco suporte e são falantes, sugerindo que essa transposição pode ser problemática devido à heterogeneidade do espectro autista.

No Brasil, foi a relação de Deligny com os filósofos Deleuze e Guattari que fez com que seu trabalho ganhasse notoriedade. Em textos como *Mil Platôs*, por exemplo, ao discutirem o conceito de rizoma, Deleuze e Guattari (2011, p. 33) traçam sua proximidade com aquilo que chamam de “método Deligny”. Consequentemente, à medida que a cartografia deleuzo-guattariana é popularizada como metodologia de pesquisa, o pensamento deligniano é gradualmente inserido nas discussões acadêmicas, até também

³ Sobre o início de suas *tentativas* com crianças autistas não falantes, em um livro intitulado *Nous et l'innocent*, Deligny (2017, p.691) escreve que “[...] se tratava, dessa vez, a partir da ausência da linguagem vivida por essas crianças-aí, de tentar ver até onde nos institui o uso inveterado de uma linguagem que nos faz o que somos, dito de outra forma de considerar a linguagem a partir da ‘posição’ de uma criança muda, como se pode ‘ver’ a justiça – do que ela se trata – ‘da janela’ de um garoto delinquente”. Como materialista com inspirações levi-straussianas, Deligny concebe o *humano* como uma *reserva virtual* de possibilidades e o *homem-que-nós-somos* a sua forma socialmente cristalizada. Essas duas formas estão em constante tensão (Miguel, 2018).

⁴ Iniciado na década de 1990, o movimento da neurodiversidade busca reconhecer e valorizar a diversidade neurológica como uma variação natural do cérebro humano, defendendo que condições como o autismo, TDAH, dislexia e outras não são defeitos a serem curados, mas diferenças que merecem aceitação e inclusão.

se tornar um objeto de pesquisa em si mesmo (Ferreira; Wu, 2023). Embora as traduções de sua obra para o português sejam poucas, nos últimos anos, na América Latina – e sobretudo no Brasil –, ela tem trazido novos elementos para a antropologia, a filosofia, as artes e a educação (Garcia, 2023; Miguel, 2024).

Explanado o panorama geral em que o trabalho de Fernand Deligny está situado e um extrato das temáticas que o envolvem na contemporaneidade, partiremos para uma exposição geral e conceitual de suas experiências a partir de 1967, quando ele se instala nos acampamentos para crianças autistas não falantes na região francesa de Cévennes. É nesse momento que, após décadas de atuação em diversas instituições estatais e em diferentes iniciativas alternativas – rompendo com os modelos instituições então vigentes na França –, Deligny cunha a noção de *tentativa*, elaborando uma leitura retrospectiva de todas as suas ações anteriores. Este estudo tem como objetivo produzir uma compreensão teórica da noção de *tentativa* e *rede* em Deligny, explorando suas implicações em um plano conceitual.

A não institucionalidade da tentativa

Em textos como *O aracniano*, encontramos Deligny (2018) utilizando a palavra *rede* (ou *réseau*) para se referir à sua experiência com crianças autistas não falantes – experiência que, durante a redação do texto, estava em andamento em Cévennes. O termo faz referência a um modo de ser, uma estrutura específica de subjetivação, um recurso para o humano e à posição de alguns indivíduos da espécie humana em relação à linguagem representativa como meio de comunicação social, de enunciação e de compreensão. Entretanto, embora noções como *rede* sejam recorrentes em seus escritos, elas não são evocadas com a finalidade de instituir uma contenção conceitual para suas percepções. Na realidade, as margens da escrita de Deligny são retráteis, refletindo sua resistência em fixar definições ou estabelecer uma sistematização.

Movendo seu texto em uma trama que complexifica e simplifica os fluxos de convivência ativos durante a *tentativa* de Cévennes, as descrições feitas por Deligny (2018) também operam em um registro de qualidades literárias e poéticas. Como se riscasse uma folha de papel manteiga, ele escreve suas ideias aspirando a contornar os movimentos do cotidiano, assemelhando-se mais a manobras necessárias para um determinado percurso do que a conceitos de sua autoria. Por consequência, a regularidade e a

consistência de suas formulações estão deliberadamente limitadas por aquilo que a *rede* não precisa que seus escritos sejam: um compilado de significantes que exercem peso sobre ela (Deligny, 2018).

A cadência poética no desenvolvimento das descrições que Deligny (2018) constrói para se referir ao convívio organizado na *rede* também funciona como uma tática de esquiva. Essa estratégia faz com que o leitor busque, no contato com seu texto, aquilo que pode ser encontrado apenas na experiência direta. Em determinados aspectos, as inconsistências que marcam as formas e os conteúdos que ele mobiliza para descrever a *rede* servem ao propósito de preservar sua leveza, dificultando apropriações enquanto disponibiliza coincidências. Definitivamente, não há em Deligny qualquer interesse em oferecer formulações indiscriminadamente sistematizadas que possam ser operacionalizadas em dispositivos úteis aos projetos de educar, cuidar e curar vigentes e emergentes em seu tempo.

Como Deligny (2018, p.153) escreve em *Carteira adotada e carta traçada* (ou *Tessera presa e carta stracciata*), “uma *tentativa* se situa no espaço de agora, sendo agora momento histórico”. Ela é consequência imediata de acontecimentos históricos intoleráveis e ambientes concentracionários que impulsionam a formação de “uma espécie de fora que permite ao humano sobreviver” (Deligny, 2018, p.18). Devido ao seu ímpeto reativo, a *tentativa* não carrega uma identidade nem avança resguardando a continuidade de um projeto, ela é uma criação que, mesmo quando cativante, “se improvisa e não envolve um movimento de massa” (Deligny, 2018, p.153). Por isso, “uma *tentativa* não tem precedentes ou não se reconhece neles” (Deligny, 2018, p.153).

A *tentativa* é parte de um agir que se aproxima do artístico (ou artesanal). No entanto, ela não busca construir uma reprodutibilidade técnica nem empreender o resgate dos acúmulos contidos em uma memória universal com o propósito de ser replicada como “precursora das instituições por vir” (Deligny, 2018, p.156). Materialmente condicionada pela história, a *tentativa* “abre brecha nos *aparelhos ideológicos de Estado*”, mas, “nem por isso está livre dos cadastramentos que a esperam na esquina da menor iniciativa concreta” (Deligny, 2018, p.135): apesar de não ser uma instituição, ela é institucionalizável. Ainda assim, a tendência da *tentativa* é a “de se meter na voga, mas de través”, sem pretensão de “semear toda a superfície” para “formar algo para uma globalidade em que o absoluto ideológico se reencontraria” (Deligny, 2018, p.157).

Por ser circunstancial, a singularidade da *tentativa* não está diretamente condicionada pelos princípios que inventa, mas pelos posicionamentos que permite. Não é por acaso que Deligny (2018) inventa usos flexíveis e intercambiáveis para os termos utilizados nas descrições sobre a *rede*. Essa é uma disciplina coerente com sua tática: conforme as palavras adquirem o sobrepeso causado pelo enrijecimento dos significantes, elas são reposicionadas ou abandonadas. Relatando a vida na *rede* em Cévennes nos parágrafos de *Carteira adotada e carta traçada*, Deligny (2018, p.153) não demora em mencionar os riscos que a rigidez de postulados e concepções podem oferecer à *tentativa* – independentemente de seus valores e intenções.

As palavras-discos eventualmente se modificam. Postulamos: *desvio, deriva, estabelecido, ornado, fazer, simulado*. É inevitável que as palavras se carreguem de sentidos e se insinuem no formulado da tentativa, e assim se elabora uma microideologia prematura. Essas palavras que eram “mapas”, palavras fora da lei, começam a querer dizer, a saber o que querem dizer. É preciso pô-las para escorrer. O que elas articulam é uma maneira de pensar que se impõe. Ficam travadas, como acontece ao joelho, ao quadril. O que me ocorre chamar “corpo comum” se solda por todos os lados. O rigor se torna rigidez. Nossa *prática* de traçar extraviou-se. Carneiros podem pegar cenurose: o “maramos” se alastra por uma unidade e por outra. É preciso encontrar uma maneira de traçar que rompa com a que nos levou ao “marasmo”.

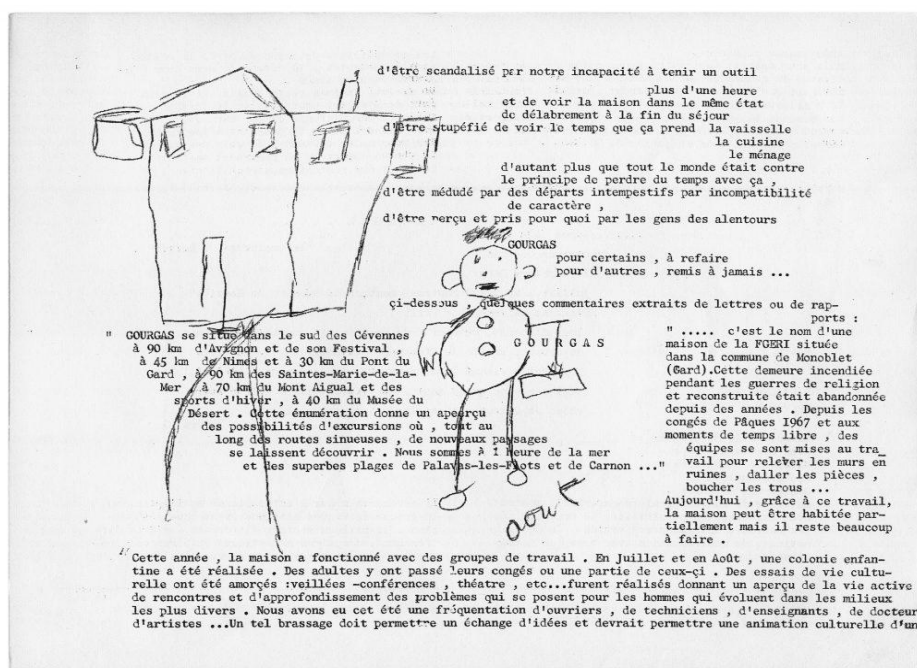
Ciente do poder que a língua pode exercer sobre a *rede*, a escrita de Deligny (2018) está investida em um *vagar* pelos significantes, com o intuito de fazer com que os predicados vazem. Ele experimenta o texto como uma concatenação de ideias e um amontoado de traços. Aquilo que escreve evoca o que Baschet (2021, p.34), ao estudar a experiência zapatista, nomeia como *metateoria*: um “pensar-agir concreto que ultrapassa a divisão entre teoria e prática”. Essa aproximação entre experiência como a zapatista e a *rede* de Cévennes é uma percepção também compartilhada por Deligny (2018, p.71), quando escreve que “em 1967, a guerrilha era uma espécie de etnia quase universal, sendo a nossas privilegiada pelo fato de que não corremos riscos de morte ou de tortura a cada passo; na realidade, só nos arriscávamos à aniquilação de nosso projeto, que contravinha às normas, às regras e aos regulamentos em vigor; tratava-se, para nós, de descobrir o que asilo poderia querer dizer”.

Nessa “espécie particular de guerrilha não mortífera”, Deligny (2018, p. 153) escreve na tentativa de efetuar uma subtração de mundo, com a finalidade de despertar a atenção para um mundo que é outro. Para Pelbart (2016), em consonância com o princípio das entradas múltiplas desenvolvido por

Deleuze e Guattari (2022), Deligny escreve cavando uma toca. Ele dificulta a entrada do significante, criando fissuras “no âmago da instituição literária, abrindo possibilidades para pensarmos essas e outras escritas não através de um viés interpretativo, mas cartográfico” (Frant, 2018, p. 45). Por isso, “se há uma filosofia em Deligny, ela surge apesar dele mesmo” (Miguel, 2015, p. 63).

Mais ou menos propositalmente, as *tentativas* acidtam coesões internas e, com os destroços, incitam desvios. Elas são piquetes das sobras que ricocheteiam no mais resistente das coerências internas. As *tentativas* estorvam sistemas de *semelhança*, ao mesmo tempo que expõem suas necessidades de atualização. Ademais, para Deligny (2017, p. 705), a *tentativa* só existe como uma iniciativa contingencial que, apesar de reverberante, “é um pequeno todo, uma pequena rede muito flexível que se tece na realidade tal como ela é, nas circunstâncias tal como elas são, mesmo encontrando acontecimentos bastante raros que não podem ser criados arbitrariamente”.

Figura 1 – Deligny em *Cahiers de la Fgéri*



Fonte: Deligny (2017, p.650).

Com isto posto, é coerente conceber que o rigor conceitual para pensar o que é uma *tentativa* a partir de Deligny está na sustentação de sua relatividade combinada com o que a determina

historicamente (no *agora*). É considerando essas características que Igor Krtolica (2010) arrisca uma sistematização contingencial dos aspectos que diferenciam *tentativa* de *instituição*. Fundamentalmente, para Krtolica (2010), instituições atestam princípios, enquanto *tentativas* assumem posições.

Em seu texto *La tentative des Cévennes: Deligny et la question de l'institution*, ao estudar as singularidades dos desvios da *rede* em Cévennes, Krtolica (2010) formula quatro princípios fundamentais para caracterizar uma instituição: (I) *Idealidade e reconhecimento*; (II) *Poder hierárquico*; (III) *Permanência*; e (IV) *Monopólio*. Todos eles afetam os conteúdos, formas, expressões, práticas e dinâmicas institucionais.

Sinteticamente, os quatro princípios da forma instituição sugeridos por Krtolica (2010) pode ser descritos da seguinte maneira: (I) O *Princípio da idealidade e reconhecimento* realça as idealizações que orientam a identidade institucional. Para o autor, as aspirações institucionais precedem suas realizações em benefício de uma coerência interna que não necessariamente condiz com a realidade, mas é coerente com seus ideais. (II) O *Princípio do poder hierárquico* aponta para a dependência estabelecida entre a instituição e seus idealizados, que, ao efetivar uma hierarquia interna, operam preservando relações de poder. (III) O *Princípio da permanência* trata das pretensões institucionais que, ao se entenderem como socialmente necessária, se arregimentam como projetos em vias de prolongamento e extensão. Com efeito, o novo ou inédito é retirado do horizonte, os possíveis cursos da história são esterilizados, e as contingências históricas que produzem mutações nas sociedades têm suas potências reduzidas. (IV) O *Princípio do monopólio* é utilizado para lidar com a inclinação institucional de avançar sobre outras territorialidades. Decorre daí que a instituição não apenas centraliza seus temas, mas também se infiltra em outros segmentos, incidindo na minimização das singularidades das situações e circunstâncias com as quais se depara. Em outras palavras, quando coeso, o modelo operacional da instituição passa a ser aplicado e reproduzido em diferentes ambientes e condições.

Por outro lado, ao elaborar princípios institucionais por meio da noção de *tentativa* enquanto observa a *rede* em Cévennes, Krtolica (2010) vislumbra uma organização coletiva que difere em forma, conteúdo e expressão das instituições educacionais, jurídicas e médicas com as quais Deligny esteve envolvido durante sua vida. A *rede* de Cévennes, como uma *tentativa* de desvio das instituições francesas que predominavam entre as décadas de 1960 e 1970, fornece a Krtolica (2010) elementos para elaborar

uma observação invertida das dinâmicas institucionais – ou seja, o que uma instituição não é e aquilo que seu projeto não contempla. Didaticamente, Krtolica (2010) também reconhece quatro princípios sustentadores da *tentativa* de Cévennes: (a) *Posição de deriva*; (b) *Posição de aranha*; (c) *Posição efêmera*; e (d) *Posição local*.

Conceitualmente planejada, Krtolica (2010) delimita a *tentativa* como uma posição em constante contextualização às circunstâncias. Essa particularidade, que denota oscilação e movimento, ressalta o cerne da *tentativa* como fundamentalmente distinto das matrizes institucionais. A partir de Krtolica (2010), podemos apresentar as quatro posições da *tentativa* da seguinte maneira: (a) A *Posição de deriva* é utilizada para definir a *tentativa* como uma experimentação sem modelo ou ornamento prévio. (b) A *Posição de aranha* é usada para caracterizar a *tentativa* como uma experiência sem inclinações educativas, terapêuticas ou panfletárias. Esse posicionamento aracniano ilustra a indisposição da *tentativa* em se enrijecer teórica e hierarquicamente. (c) A *Posição efêmera* afirma que a *tentativa* é sempre circunstancial e, por essa razão, não tem a pretensão de tornar-se duradoura ou um fim específico. Ela é marcada pela espontaneidade. (d) A *Posição local* expõe a *tentativa* como um deslocamento constante que é sempre localizado, situacional e jamais paradigmático. A *tentativa* não é um objeto replicável.

Aspectos existenciais da tentativa

No texto *La critique du symbolique chez Fernand Deligny* (ou *A crítica do simbólico em Fernand Deligny*), de 1997, o sociólogo francês René Lourau (2017) elabora uma sistematização conceitual da noção de *rede* em termos delignianos. Para Lourau (2017), a *rede* é a forma organizativa de um dispositivo com dimensões existenciais, espaciais e sociais. Mais especificamente, a *rede* em Cévennes é uma *tentativa* de preservar os modos de ser autista como uma “etnia muito singular, que tem como uma de suas características o fato de não ter língua em absoluto, pois não tem em absoluto o uso da linguagem” (Deligny, 2018, p. 191). Espacialmente, ela é uma organização aclínica (desarmada de olhares médicos ou psicológicos) que formula uma distribuição territorial com o objetivo de oferecer lugares onde “o inato ‘explode’ no vazio” (Deligny, 2018, p. 44), propiciando o vagar e o agir dos autistas. Socialmente, ela é uma formação social que se recusa a instituir uma estrutura centralizada e centralizante.

Para Lourau (2017), o engendramento teórico da *rede* em Deligny tem origem em três distintos níveis sociais constituintes de seu devir como *tentativa*: primeiro, na *forma existencial da rede de traços*, observada nos trajetos e gestos das crianças autistas mapeados pelos adultos que as acompanhavam em Cévennes. Influenciado pela leitura do etnólogo Pierre Clastres (1990) em *A sociedade contra o Estado*, Deligny reconhece similitudes entre os Nambikwaras e a população de crianças autistas na *rede*. Em 1980, Deligny (2017) escreve um texto intitulado *Etnia Singular* (ou *Singulière ethnique*), no qual trata das semelhanças e divergências entre o descrito por Clastres (1990) e a *rede* em Cévennes. Em vista da referência a Clastres adquirir certa recorrência a partir desse período, Lourau (2017) observa que a perspectiva aclínica de Deligny deixa de ser inteiramente desarmada.

Segundo, na *organização que, na falta de termos melhores, se dirá pedagógica*, para descrever a *rede* e suas áreas de convivência. Categoricamente, enquanto *tentativa*, a *rede* tem um objetivo imediato que, no caso de Cévennes, é o livramento de crianças autistas do internamento compulsório em instituições psiquiátricas (Krtolica, 2010)³. Sendo assim, a *rede* é um *abrigo* localizado entre um agrupamento de montanhas circundado por alguns camponeses. Nela, vivem um pequeno número de crianças e adultos acompanhantes, que se instalam em seu território por alguns meses ou anos como colaboradores. Suas áreas podem distar quilômetros umas das outras e variam conforme as necessidades e recursos do grupo.

Terceiro, na *organização social, institucional ou contra-institucional do conjunto da rede*, que se diferencia e se afasta de diversas experiências com/para crianças na França (como os *Lugares de Vida*), que, por vezes, também são inspirados no trabalho de Deligny (antes e após 1970). Como *tentativa*, a *rede* recusa-se à institucionalização, fazendo com que seja nuançada não por uma terapêutica, mas por um referencial de ação política. Em vista disso, Lourau (2017) destaca ao menos três fatores que intervieram sobre a *rede*, tensionando a transformação da *tentativa* em instituição: as necessidades administrativas e econômicas da *rede*, que existe fora de toda subvenção oficial; a marcada presença de

³ Em *Etnia Singular* de 1980, sobre a função da *rede*, Deligny (2017, p.1378) escreve “Mas qual era o papel desse engenho tão arcaico? Que as crianças fossem salvas por ele, que se agarrem a ele, corram sobre nós ou, ao contrário, que nos carreguem e nos permitam uma peregrinação prudente na franja desse nós-outros-homens, continente firmemente estabelecido em sua consciência de ser?”.

seu fundador em uma de suas áreas, atuando nos centros de acolhida para visitantes e observadores; e a própria notoriedade pública de Deligny, somada ao seu carisma.

Organizada (ou desorganizada) dessa maneira, a *tentativa* da *rede* assume características que Lourau (2017) classifica como *transdutivas* (que fazem ligações entre fato sem conexões diretas entre si), *neotênicas* (fazendo com que seus aspectos larvares persistam) e *incoativas* (sempre disponíveis para novas *tentativas*), manifestas em toda sua extensão existencial, espacial e social. Mantendo a coerência de sua condução coletiva, estão dois eixos: (1) o das práticas e construção de saberes comuns e não institucionalizados; e (2) o da reflexão antropológica, que tem como predisposição política a não aceitação das virtudes mais óbvias da linguagem que o adulto insere na formação da criança para *semelhamtiza-la* (Lourau, 2017).

A amplitude e algumas das consequências da noção de *rede* no pensamento deligniano, assim como parte da materialidade de sua estruturação, não se esgotam aqui. Mas, momentaneamente, cabe somar ao que foi descrito a compreensão de Deligny (2018, p.15) de que, antes de qualquer coisa, “a *rede* é um modo de ser”. As *redes* se proliferam e costumam aumentar em número quando os acontecimentos históricos se tornam intoleráveis (Deligny, 2018). Elas são ordenamentos improvisados para reagir aos imprevistos que acontecem e obrigam os viventes a tentarem sobreviver em espaços e situações concentracionárias, fazendo com que alguns se tornem próximos e indispensáveis aos outros, sem que saibam exatamente a razão (Deligny, 2018). Portanto, talvez mais relevante do que definir a *rede* seja saber identificar quando uma *rede* é tramada e o que faz com que ela desaparece, se institucionalizada.

A *rede* iniciada por Fernand Deligny e seus colaboradores é um dispositivo de existência com qualidades espaciais, artísticas e antropológicas. Seu cotidiano está orientado pela sustentação de um meio que coloca em suspensão a lógica responsável pela instituição do *homem-que-nós-somos*. Na prática, a *rede* está organizada para descentralizar os modos de ser centrados no sujeito de proporções modernas – aquele que, orientado pela linguagem, aspira à superioridade de seu projeto em relação aos outros modos de ser.

Essa não sistematização, portanto, não só é uma *tentativa* de esquiva das possíveis capturas institucionais, mas também uma via para instaurar uma lógica desviada das racionalidades de assujeitamento do *homem-que-nós-somos*. Na França, quando a *rede* é iniciada, a principal instituição responsável pela conjunção das práticas e saberes de *semelhamtização* é a psiquiatria. Por essa razão, a

tentativa de Cévennes não é iniciada como um conceito, mas como uma posição com o objetivo imediato de poupar crianças e adolescentes autistas do internamento psiquiátrico (Krtolica, 2010). Esse aspecto histórico da *tentativa* de Cévennes não apenas colabora com a montagem de uma imagem da instituição para o pensamento deligniano, mas também como outras percepções sobre as singularidades da *rede*.

Aparentemente, a *rede* é uma aposta dupla: (I) em um futuro em que crianças e adolescentes autistas estejam impedidos de viver confinados em qualquer instituição; e (II) na invenção de um território de convívio que privilegia o *entre* em que está o *comum*, sem que seja preciso que essas crianças e adolescentes se tornem como *nós*. Sem embargo, ambas as escolhas consistem em uma descrença que implica um deslocamento até as margens da legitimidade da crença instituída como *nós* – esse produto de uma domesticação simbólica que está em andamento há milênios (Deligny, 2017; Deligny, 2018).

Mesmo que *dispositivo* e *instituição* não sejam conceitos definidos ou estudados por Deligny, suas críticas e os acúmulos de suas tentativas fornecem uma complexa trama de elementos dialetizados para a discussão. A instituição que responde aos acontecimentos históricos como aparato constituído com a finalidade de conter os avanços de seus imprevistos (e deformidades) é um dispositivo de preservação dos núcleos constituintes da sociedade e de atualização de suas normações. Enquanto isso, as *tentativas* são desvios dos desacreditados que, fazendo distância do objetivo almejado, fazem aquilo que pode ser a única passagem possível para as vidas em discordância do projeto hegemônico. Por essa razão, a aposta de Deligny (2018, p.223) é “prosseguir nosso procedimento ‘fora’, fora do que funciona no simbólico, mesmo perdidamente”.

Considerações finais

Ao resistir aos impulsos de compreensão, a *rede* foi inventada como um dispositivo de existência que dispensa a capacidade de compreender mediada pelo simbólico da linguagem como fundamento. Em seu cotidiano, a linguagem perdeu seu privilégio sobre a interação entre os indivíduos e a organização dos espaços. Consequentemente, esse esquecimento permitiu que um *comum* (que não é da ordem do simbólico) fosse avistado. A prática desse convívio territorializado fora das instituições da época também oportunizou uma posição deliberadamente refratária ao poder da linguagem. Simultaneamente, os adultos falantes da *rede* passam a experienciar e colaborar com a manutenção de espaços fora da

linguagem, que Deligny (2018), nomeia como *topos* – um espaço onde um *comum* que é humano emerge da vacância da linguagem.

Nesse *topos*, o *comum* não está pressuposto (ou dado). Na realidade, a *rede* deposita os pressupostos do lado de fora de suas áreas de estar, “a fim de que o *topos* permaneça limpo e permita uma busca” (Deligny, 2018, p.160). Por isso, o *comum* não é um *dentro* que funciona como referencial para as semelhanças que o *homem-que-nós-somos* reconhece como adaptáveis, tratáveis ou curáveis. Mas um *entre* que aparece como o que resta quando a linguagem perde seu reinado de intermediadora das relações com o outro, as coisas e os espaços (Tebet; Junior; Salles, 2022). O *comum* deligniano está naquilo que sobra entre os humanos quando o convívio deixa de estar orientado por subjetividade inteiramente assujeitas pela linguagem. Nos termos de Deligny (2018), trata-se de fazer fissura em nosso *ponto de vista* e experiências o *ponto de ver* de uma criança autista.

Empregado em instituições do Estado ou vivendo na *rede* em Cévennes, as *tentativas* não existem apenas como uma crítica às instituições, mas para inventar meios que oportunizem que as crianças e adolescentes vivam livres das práticas de normalização (Séguin, 2018). Esse apreço dialetizado pela multiplicidade dos meios é o que singulariza os posicionamentos de Deligny, ao mesmo tempo que os faz repercutir como paradoxais, inovadores e até ultrapassados (Milton, 2016; Winter, 2021; Almeida, 2024). Como o *aracniano* que é, Deligny está interessado nos (re)cantos existentes nos meios geográficos, meios de enunciação, meios de visibilidade e meios institucionais – nos espaços vagos em que as aranhas conseguem achar onde fixar suas teias (Almeida, 2024).

Nesse sentido, o gesto de Deligny é menos um projeto acabado e mais uma abertura a outras formas de existência, nas quais o sensível, o traço e o silêncio se tornam caminhos de encontro. A *rede*, como elemento conceitual e prático, se sustenta na convivência atenta ao comum que aparece no desvio, ao quase imperceptível que escapa às lógicas dominantes da comunicação e do reconhecimento. O que está em jogo não é a busca por adaptação ou cura, mas a criação de condições para que o viver em comum possa emergir mesmo entre diferenças radicais.

Isto posto, Deligny (2018, p.18) indica que uma das constantes da *rede* é o “fora como uma das dimensões necessárias”. Sendo o *fora* uma formação que acontece quando o espaço se torna concentracionário e o humano necessidade de uma *rede* para sobreviver. Assim, a aranha e o aracniano

são analogias utilizadas para pensar a *rede* como uma “obra de alguns, e uns mais uns são vários, sem que seja possível, como quando se trata dos cupins *trinervitermes*, identificar o mestre de obras que teria tido o projeto em gestação em sua cabeça, sua alma ou seu coração” (Deligny, 2018, p.24).

Referências

- ALMEIDA, P. R. **Clínica do espaço**: Infância, autismo e cartografia. 2024. 396 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2024.
- ALVAREZ DE TOLEDO, S. Présentation du Pavillon 3. *In*: DELIGNY, F. **Oeuvres**. 2. ed. Paris: Arachnéen Éditions, 2017. p. 43-50.
- BASCHET, J. **A experiência zapatista**: Rebeldia, resistência, autonomia. São Paulo: N-1 Edições, 2021.
- CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: Por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia (vol. 1). São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELIGNY, F. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- DELIGNY, F. **Oeuvres**. 2. ed. Paris: Éditions Arachnéen, 2017.
- FERREIRA, P. H. S. **Nem inclusão, nem cura, mas a criação de um lugar comum**: uma cartografia das tentativas de Fernand Deligny. 2024. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2024.
- FERREIRA, P. H. S.; WUO, A. S. **O pensamento de Fernand Deligny nas pesquisas em educação no Brasil**. Revista Cocar, Belém, v. 19, n. 37, 2023.
- FRANT, A. **Janmari**: mãos férteis em linhas. Cadernos Deligny, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 44-58, 2018.
- GARCIA, A. L. Deligny latinoamericano: la potencia y los desafíos de una recuperación situada de su pensamiento. **Cadernos Deligny**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 62-74, 2023.
- KRTOLICA, I. La “tentative” des Cévennes. Deligny et la question de l’institution. **Chimère**, Paris, n. 72, p. 73-97, 2010.

LOURAU, R. A crítica do simbólico em Fernand Deligny. **Mnemosine**, Campina Grande, v. 13, n. 1, p. 293-304, 2017.

MIGUEL, M. **Fernand Deligny e as ecologias do humano**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2024.

MIGUEL, M. Guerrilha e resistência em Cévennes. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. **Trágica: Estudos sobre Nietzsche**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 57-71, 2015.

MIGUEL, M. O materialismo deligniano. Introdução ao Encontro. **Cadernos Deligny**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 4-10, 2018.

MIGUEL, M. Pour une pédagogie de la revolte: Fernand Deligny, de la solidarité avec les marginaux au perspectivisme. **Cahiers du GRM**, Toulouse, v. 14, p. 1-16, 2019.

MILTON, D. Tracing the influence of Fernand Deligny on autism studies. **Disability & Society**, Londres, v. 3, n. 2, p. 285-289, 2016.

PELBART, P. P. **O avesso do niilismo**: Cartografias do esgotamento. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

SÉGUIN, A. de. Donner lieu à “ce qui não se voit pas”. **Cadernos Deligny**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 239-274, 2018.

SÉVÉRAC, P. **Fernand Deligny, ou l’art d’être hors sujet**. La vie des idées, Paris, 2023.

TEBET, G.; JUNIOR, W. de O.; SALLES, I. R. Pesquisar a educação infantil e o espaço com Fernand Deligny. **Revista Instrumento**, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 461-472, 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibais**: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

WINTER, M. Fernand Deligny et l’autisme aujourd’hui: repoussoir, apôtre, précurseur. In: MOREU, P.-F.; POUTEYE, M. (Org.). **Fernand Deligny et la philosophie**. Un étranger objet. Lyon: ENS Éditions, 2021. p. 147-165.

Licença Creative Commons – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CCBY-NC4.0)

Como citar este artigo:

FERREIRA, Pedro Henrique Silva; WUO, Andrea Soares. As tentativas de Fernand Deligny: um estudo teórico sobre a rede com crianças autistas. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 22, 2025. Disponível em:

<https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/x11908>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

Financiamento: O estudo foi financiado pela bolsa de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pesquisa de Nível Superior (CAPES).

Contribuições individuais: Conceituação, Metodologia, Recursos, Software, Visualização, Curadoria dos Dados, Investigação, e Escrita – Primeira Redação: Pedro Henrique Silva Ferreira. Análise Formal, Administração do Projeto, Supervisão, Validação, e Escrita – Revisão e Edição: Andrea Soares Wuo.

Declaração de uso de Inteligência Artificial: Durante a preparação deste trabalho, os autores utilizaram ChatGPT-5 (OpenAI) para realizar uma revisão ortográfica da primeira versão do manuscrito. Após o uso, os autores reviram e editaram o conteúdo em conformidade com o método científico e assumem total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

Revisores: Marina Aparecida Vicentini (Revisão de Língua Portuguesa e ABNT)

Sobre os autores:

PEDRO HENRIQUE SILVA FERREIRA é graduado em psicologia, mestre e doutorando em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB).

ANDREA SOARES WUO é mestre e doutora em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SUP) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB).

Recebido em 07 de maio de 2025

Versão corrigida recebida em 15 de julho de 2025

Aprovado em 23 de setembro de 2025